

Informações e Inscrições:

As inscrições devem ser feitas na Secretaria do Departamento de Filosofia até 28/05/2014.

Carga horária: 20 horas

Valor R\$ 15,00

Secretaria do Departamento de Filosofia
Av. Colombo n.5790 – bloco H-35 sala 001
Maringá – Paraná
Telefone: (44) 3011-8925
E-mail: sec-dfl@uem.br
www.dfl.uem.br

Promoção:

Departamento de Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Grupo de Pesquisa Metafísica e Política Antiga e Medieval

Apoio:



III Ciclo de Palestras de Cultura Clássica

Ética, Política, Retórica e História.

28 a 30/05/2014
Auditório do Bloco H-35



Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Departamento de Filosofia

III Ciclo de Palestras de Cultura Clássica Ética, Política, Retórica e História.

A fim de consolidar a prática de promoção de encontros científicos na área de Filosofia da Universidade Estadual de Maringá, que vem ocorrendo ao longo dos últimos anos, este *III Ciclo de Palestras de Cultura Clássica* contempla a cultura clássica, mais especificamente os temas da história, política, retórica e ética e suas interações - conteúdos básicos das humanidades. Trata-se de uma necessidade na área de Filosofia Antiga o aporte da análise filológica e do conhecimento histórico do período clássico, assim como o tratamento dos problemas de tradução dos textos em grego e latim clássicos.

Este evento tem um caráter interdisciplinar, como se pode notar pelo perfil e pela formação dos palestrantes deste e das edições anteriores do *Ciclo de Palestras de Cultura Clássica*. As áreas que esta edição abrange especificamente são a Filosofia Antiga e Letras Clássicas (Grego).

Neste *III Ciclo de Palestras de Cultura Clássica*, pretendemos aproximar os esforços de pesquisadores dedicados à temática geral da cultura clássica e promover o aprimoramento do curso de graduação e de pós-graduação em Filosofia da UEM.

Programação

28/05/2014 (quarta-feira)

14h às 18h: **Palestras**

“Sexualidade na literatura grega antiga”

– Prof. Dr. Luiz Carlos Mangia Silva – UEM

“Política e história em Luciano”

– Prof. Dr. Pedro Ipiranga Júnior – UFPR

29/05/2014 (quinta-feira)

08h às 12h: **Palestras**

“Prometeu e os homens de prata em Hesíodo”

– Prof. Dr. Vladimir Chaves dos Santos – UEM

“Eros e verdade no Banquete de Platão”

– Prof. Dr. José Lourenço Pereira da Silva – UFSM

14h às 18h: **Minicurso**

“Política e Retórica no desenvolvimento histórico da filosofia grega”

– Prof. Dr. Miguel Spinelli - UFSM

30/05/2014 (sexta-feira)

08h às 12h: **Minicurso**

“Política e Retórica no desenvolvimento histórico da filosofia grega”

– Prof. Dr. Miguel Spinelli - UFSM

14h às 18h: **Minicurso**

“A Ética Eudemia de Aristóteles”

– Prof. Dr. Raphael Zillig – UFRGS

**III Ciclo de Palestras de Cultura Clássica:
Ética, Política, Retórica e História**

Caderno de resumos

ISSN 2236-2630

Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de maio de 2014
Auditório – Bloco H-35

Universidade Estadual de Maringá

Reitor: Prof. Dr. Júlio Santiago Prates Filho

Vice-reitora: Profa. Dra. Neusa Altoé

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Diretora: Prof.^a Dr.^a Nerli Nonato Ribeiro Mori

Diretora Adjunta: Prof.^a Dr.^a Maria Célia Cortez Passetti

Departamento de Filosofia

Chefe: Prof. Dr. Max Rogério Vicentini

Chefe Adjunta: Prof.^a Dr.^a Patrícia Coradim Sita

Comissão Organizadora

Prof. Dr. Vladimir Chaves dos Santos (presidente)

Prof.^a Dr.^a Patrícia Coradim Sita

Apresentação

A fim de consolidar a prática de promoção de encontros científicos na área de Filosofia da Universidade Estadual de Maringá, que vem ocorrendo ao longo dos últimos anos, este *III Ciclo de Palestras de Cultura Clássica* contempla a cultura clássica, mais especificamente os temas da história, política, retórica e ética e suas interações - conteúdos básicos das humanidades. Trata-se de uma necessidade na área de Filosofia Antiga o aporte da análise filológica e do conhecimento histórico do período clássico, assim como o tratamento dos problemas de tradução dos textos em grego e latim clássicos.

Este evento tem um caráter interdisciplinar, como se pode notar pelo perfil e pela formação dos palestrantes deste e das edições anteriores do *Ciclo de Palestras de Cultura Clássica*. As áreas que esta edição abrange especificamente são a Filosofia Antiga e Letras Clássicas (Grego).

Neste *III Ciclo de Palestras de Cultura Clássica*, pretendemos aproximar os esforços de pesquisadores dedicados à temática geral da cultura clássica e promover o aprimoramento do curso de graduação e de pós-graduação em Filosofia da UEM.

Sumário

José Lourenço Pereira da Silva

*Eros e verdade no Banquete de Platão*_____ 7

Luiz Carlos André Mangia Silva

*Pederastia na Antiguidade: Estratão, Literatura e História*_____ 9

Miguel Spinelli

*Política e Retórica no Desenvolvimento Histórico da Filosofia Grega*_____11

Pedro Ipiranga Junior

*Política e História em Luciano*_____13

Raphael Zillig

*Aspectos Fundamentais do Método da Ética na Ética Eudêmia de Aristóteles*_____15

Vladimir Chaves dos Santos

*Prometeu e os Homens de Prata em Hesíodo*_____17

Eros e Verdade no Banquete de Platão

Prof. Dr. José Lourenço Pereira da Silva

Departamento de Filosofia

Universidade Federal de Santa Maria

No Banquete, Platão reflete sobre Erôs , o amor. Nessa obra, que se constitui numa reunião de elogios a Erôs , ambigualmente compreendido como deus e como sentimento humano, Sócrates apresenta uma reinterpretação desta expressão do desejo na qual o amor se converte em impulso para a busca da verdadeira realidade, o desejo pela Beleza e o Bem que transcendem suas manifestações empíricas. É assim que Diotima – a instrutora de Sócrates nos assuntos eróticos e cujas lições ele reproduz – caracteriza Erôs ao mostrar sua natureza e obra. O amor é sempre o desejo daquilo de que se carece, ou seja, de algo que se quer ter ou, se se tem, manter sempre. O amor, ademais, está sempre voltado ao belo e ao bem, pois não se ama o que é feio. Se Erôs ama o belo é porque lhe falta beleza, logo não pode ser um dos deuses, que são, por princípio, seres perfeitos. A representação para o sentimento do amor será então a de um daimon, uma entidade intermediária entre os auto-suficientes deuses e os carentes mortais, um ser situado entre condições contrárias: riqueza e pobreza; o belo e o feio, a sabedoria e a ignorância, etc. Enquanto intérprete e mensageiro, o amor permite a comunicação entre o divino e o humano, isto é, permite-nos passar do sensível ao inteligível. Essa se mostrará a tarefa que Erôs , dada sua natureza, realiza em benefício do homem. O amor ao belo é, em última análise, amor ao bem. O Banquete retoma um princípio da psicologia moral recorrente nos diálogos chamados socráticos. Todo ser humano age movido pelo desejo do bem e da felicidade; e mesmo em sua finitude o homem quer ter estas coisas para sempre. A beleza é o estímulo para perseguirmos nosso bem e imortalidade. A geração e procriação é a forma do vivente mortal participar da imortalidade. Assim, as pessoas que são grávidas no corpo, estimuladas pela beleza, geram filhos para por eles se perpetuarem e obterem felicidade; os que são mais grávidos na alma produzem filhos espirituais: belos conhecimentos, belas artes, belas leis e virtudes que contribuem para o aperfeiçoamento de outros indivíduos. Diotima ensina, porém, que esses não são ainda os maiores resultados que se pode esperar do amor ao belo; de outro modo, é a contemplação da própria Forma do Belo o que o verdadeiro amante e iniciado na arte do amor deve alcançar. Aquele que for corretamente conduzido nas questões amorosas deve partir do amor a um belo jovem corpo particular e ascender por uma escala de amores que passa da beleza dos corpos, para a beleza das almas;

destas para a beleza dos costumes; em seguida, para a beleza das leis e para os belos conhecimentos, chegando à ciência do Belo em si para, enfim e de repente, ver, tocar e unir-se à Forma do Belo. Neste último estágio, superadas todas as aparências e imagens da beleza, o amante atinge a verdadeira realidade, gera a verdadeira virtude e adquire sua imortalidade. Erôs é o melhor colaborador no processo para atingir a verdade.

Pederastia na Antiguidade: Estratão, Literatura e História

Prof. Dr. Luiz Carlos André Mangia Silva

Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias

Universidade Estadual de Maringá

Estratão de Sardes é um poeta cuja obra avoluma uma centena de poemas. Sempre a focalizar o tema da pederastia, o autor representa as mais diversas cenas de atração masculina em seus versos e revela, com isso, diferentes facetas do assim chamado “amor grego”. Destaquemos que a beleza dos rapazes é uma importante fonte de desejo para homens adultos que, por isso, estabelecem relações com eles: um bom físico, a dedicação a atividades atléticas e musicais configuram o mundo no qual amante e amado transitam. Depreciativo e, por isso, término da paixão, o surgimento de pelos pelo corpo e, particularmente, o nascimento de barba no rosto revelam-se como um dos elementos mais odiosos para o amante. Isso porque a pederastia é um tipo particular de homossexualismo, em que as idades assimétricas dos parceiros (um adulto cortejador e um rapaz cortejado) constituem um dos fundamentos dessa atração: uma vez que o rapaz exiba sua primeira barba, signo de seu ingresso na idade adulta, cessa sua disponibilidade para o cortejo. Motivos tais encontram expressão na obra de Estratão de Sardes.

Pouco sabemos com segurança a respeito de Estratão: conforme a análise de estudiosos, ele deve ter vivido entre I a.C. e II d.C. Para além de sua obra, nada mais é certo. Não obstante, seus poemas constituem uma rica fonte para o estudo do tema pederástico, pois poucos poetas produziram tão numerosos versos em torno de um mesmo tema. Para se ter uma ideia dessa importância, basta mencionar que no livro homoerótico (livro XII) da *Antologia Palatina* – maior coletânea de epigramas gregos de todos os tempos – o nome de Estratão representa quase metade do acervo (que é de 258 poemas). Os epigramas desse autor são, portanto, uma fonte interessante para o conhecimento do tema no contexto da cultura grega, ainda que pese a dificuldade de ler história a partir de fontes literárias.

Nem biograficamente, nem historicamente a poesia antiga deve ser lida. Afeita a esquemas muito fixos de composição, tal poesia – em particular a representada pelo epigrama literário grego, modalidade cultivada por Estratão – vale-se de sistemáticas repetições de imagens e motivos já conhecidos, estabelecendo uma prática de alusão obrigatória a modelos anteriores. Desse modo,

compor um poema representa, no contexto antigo, dar voz aos mesmos lugares comuns (ou tópicos) cultivados pela tradição. Nesse sentido, não é possível ver o contexto histórico com base em poemas, dada a visão estereotipada de tal poesia, fundamentada em lugares comuns. Quanto a Estratão, é até mesmo difícil argumentar que sua época (que época?) praticava o amor pederástico, já que sua relação com o contexto é problemática. Mais que isso: argumentar que Estratão foi pessoalmente um grande pederasta é negligenciar o caráter “fingido” de sua expressão poética.

Nessa palestra, propomos abordar o tema da pederastia a partir da obra de Estratão de Sardes, mostrando as frouxas relações entre poesia e história na Antiguidade. A par do fato de que os gregos toleraram e até mesmo estimularam as relações pederásticas, procuraremos revelar a veracidade histórica de algumas imagens estratonianas, além de problematizar questões inerentes à leitura de poesia no mundo antigo.

Política e Retórica no Desenvolvimento Histórico da Filosofia Grega

Prof. Dr. Miguel Spinelli

Departamento de Filosofia

Universidade Federal de Santa Maria

O Minicurso “Política e Retórica no desenvolvimento histórico da filosofia grega” tem por objetivo identificar autores e vertentes da reflexão filosófica e introduzir os alunos nas principais questões que caracterizaram o percurso histórico da Filosofia Grega. De um lado, o Minicurso terá por preocupação mapear a *geografia* do filosofar dentro do universo das *pólis* da Grécia antiga, cujo território não se restringia a Atenas, tampouco ao mundo grego que conhecemos hoje; de outro, especificar como o filosofar, não se concentrou em poucos personagens – em Sócrates, Platão e Aristóteles –, mas atingiu e dependeu do empenho de vários outros (tais como Tales, Pitágoras, Heráclito, Parmênides, Empédocles, Anaxágoras, Demócrito), e não só do empenho de filósofos, mas também de retores e sofistas (como Protágoras e Górgias), que trabalharam em favor do desenvolvimento e do arranjo gramatical da língua grega, instrumento sobre o qual se assentou o desenvolvimento histórico da Filosofia. Entretanto, além da língua grega, a Filosofia careceu do universo simbólico das matemáticas, a fim de estimular e garantir a prosperidade do exercício do pensar aplicado sobre si mesmo e em campos diversos. Mas, enfim, a Filosofia grega também não se conclui com Platão e Aristóteles, uma vez que se estende para além deles, em vários movimentos e vertentes filosóficas (o epicurismo, o estoicismo, o ceticismo que se instalou na Academia, o empirismo do Liceu com Teofrasto, o ecletismo dos latinos, do qual Cícero fora o grande expoente) até culminar na escola filosófica de Plotino (205-270 d.C.), em Roma.

O Minicurso se concentrará, fundamentalmente, em duas linhagens filosóficas: uma desenvolvida por Tales e Pitágoras, e, outra, por Heráclito e Parmênides. Os dois primeiros foram ao Egito buscar os rudimentos das ciências matemáticas (da Aritmética, da Geometria, da Meteorologia, da Astrologia, e, inclusive, da Música), a fim de fazer prosperar uma determinada vertente que trabalhou em vista da prosperidade das artes construtivas aplicadas aos mais diversos ofícios da vida grega; Heráclito e Parmênides encontraram em Homero e Hesíodo (e também em Ésquilo e Píndaro) a fonte e a inspiração necessária que regou o desenvolvimento de um novo e outro *logos* capaz de reerguer e fazer racionalmente prosperar as explicações míticas sobre as quais se assentava a Cultura e o consuetudinário da vida grega. Temos, pois, dois universos que se

mesclaram e deram viço ao desenvolvimento histórico da Filosofia dispersa pelo território e pelas Cidades-Estados do povo heleno, até culminar em Sócrates, Platão e Aristóteles, que vieram a ser os mentores de uma nova prosperidade da qual participarão, de modo particular, dois expoentes: Zenão de Cítio (mentor do chamado estoicismo) e Epicuro (do epicurismo). Não dá, todavia, para deixar de lado dois movimentos, que, desde os primórdios da vida grega, tiveram grande importância e prestaram extraordinário contributo na divulgação e expansão da Cultura e do saber heleno: o movimento dos rapsodos (do qual o hierofante Orfeu foi o principal) e o dos sofistas, que se puseram na condição de professores perambulantes por toda a Grécia. Foram eles que espalharam e agitaram o mundo grego com as novidades derivadas de um profundo envolvimento entre a Filosofia e a Ciência, e o Mito, e a Religião; foram eles também, que, de algum modo, contribuíram para o desenvolvimento conjugado da Filosofia, da Língua (elemento aglutinador da Cultura grega) e da Democracia.

Bibliografia: SPINELLI, Miguel. *Filósofos Pré-Socráticos: Primeiros mestres da filosofia e da ciência grega*, 3ª edição, Porto Alegre: Edipucrs, 2012; *Questões Fundamentais da Filosofia Grega*, São Paulo: Loyola, 2002; *Os Caminhos de Epicuro*, São Paulo: Loyola, 2006.

Prof. Dr. Pedro Ipiranga Júnior
Departamento de Letras
Universidade Federal do Paraná

Este trabalho visa vislumbrar e analisar relações do escritor Luciano de Samósata com o contexto histórico-cultural de seu tempo, a partir de algumas de suas obras em que ele manifesta suas opiniões sobre a função, o escopo e o modo de escrita da história em seu tempo. Evidencia, além disso, suas próprias posições políticas em relação ao Império Romano, posições estas que têm levado alguns comentadores contemporâneos a interpretarem de forma oposta sua atitude diante do Império.

Sírio de origem, nascido na cidade de Samósata, capital de Comagena, região periférica oriental da província romana da Síria, é o olhar estrangeiro que pervade suas obras e através do qual ele dimensiona sua identidade face à cultura grega. Ainda que sejam poucas as evidências, algumas referências em seus textos apontam uma variante do aramaico, o siríaco, como língua materna, além de poder ter tido alguns conhecimentos da língua e da cultura iraniana. Por seu turno, sua atitude frente ao Império Romano é alvo de uma polêmica atual que o faz, de um lado, crítico acerbo de Roma, e, de outro, um cidadão do Império que deseja conquistar as benesses dos imperadores através de seus escritos. De uma forma ou de outra, o enfoque de Luciano acerca do discurso do historiador recebe essa dupla modalização como pano de fundo: as relações e interpretações dos gêneros discursivos a partir de uma releitura do legado cultural grego; o papel político de quem escreve história no contexto do Império Romano do século II d.C..

A partir dessa perspectiva, vou analisar algumas obras em que Luciano faz algum tipo de menção ou teorização acerca do estatuto, da função, das qualidades e do modo de escrita do historiador antigo. Em especial vou me deter com mais circunspeção sobre a obra de Luciano de Samósata, *Como se deve escrever a história*, considerada por Hartog como o único tratado antigo sobre história que chegou até nós (HARTOG, François. *A História de Homero a Santo Agostinho*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 223). Dois livros, relativamente recentes, discutem esse tratado de Luciano e oferecem perspectivas distintas e, por vezes, antagônicas em sua interpretação: o ensaio de Jacyntho Lins Brandão que está inserido no livro em que faz a tradução da obra, publicado em 2009 pela editora Tessitura; o livro *Lucian of Samosata, Greek writer and Roman citizen*, publicado em 2010 tendo como editores Francesca

Mestre e Pilar Gómez, resultado de uma conferência internacional sobre Luciano de Samósata, realizada na Universidade de Barcelona em 2006. Como discussão complementar, abordo também alguns aspectos das obras *Alexandre ou o falso profeta*, *Heródoto* e *Sobre a deusa síria*, que permitem vislumbrar formas diferenciadas de conceber o escopo da história num registro mais biográfico ou etnográfico.

Primeiramente, deve-se ter em vista que a figura do historiador aparece em vários textos de Luciano, avaliada sob diferentes óticas e, por conseguinte, apresentando imagens, às vezes, díspares de suas funções, valores e formas de comprometimento ético-político. Ou seja, o tratamento dado a ele e à prosa que lhe é correlata está na dependência da perspectiva que se coloca em primeiro plano. Enfoco, de início, as relações entre história e biografia. Luciano, de fato, tem uma produção biográfica importante para a época e que se afigura relevante para o contraponto e comparação com o modo de escrita do historiador.

Em seguida, analiso de forma mais ampla as interfaces que Luciano estabelece entre o discurso do historiador e os registros do poético, do retórico e da dimensão propriamente política que a ele está atrelada. E é nessa tensão entre os vários gêneros dos discursos, mormente em prosa, que se situa a obra de Luciano de Samósata *Como se deve escrever a história*, em que ambos os aspectos são relevantes para a sua interpretação: a ambiência político-cultural no contexto do Império Romano e a determinação do estatuto, da função e do modo de escrita da história no entrecruzamento entre os vários gêneros. Por fim, comento uma obra peculiar de Luciano, *Sobre a deusa síria*, em que ele se inseriu num outro tipo de investigação histórica (fora do escopo de uma história do tipo “pragmático”, cujo enredo se centraria sobre as guerras ou as relações entre Estados e estadistas, segundo a nomenclatura de Políbio), investigação essa que modaliza sob outro viés suas relações com a política, a cultura e a história de sua época.

Prof. Dr. Raphael Zillig

Departamento de Filosofia

Universidade Federal do Rio Grande de Sul

Este trabalho tem por objeto o método da ética, tal como desenvolvido por Aristóteles na *Ética Eudêmia* (EE). Em EE I 6, Aristóteles apresenta um conjunto de considerações metodológicas sobre o procedimento a ser adotado na investigação do bem humano. Ao longo do capítulo, Aristóteles deixa claro que sua investigação sobre o bem humano deve identificar razões ou causas. Além disso, de acordo com o esboço apresentado no primeiro parágrafo do texto, o método tem como ponto de partida o exame dos *phainomena* (“aquilo que é manifesto”) próprios à área de investigação em questão e tem por objetivo tornar clara a verdade que a partir deles apresenta-se de modo confuso.

Tal ponto de partida conforma-se com as diretrizes gerais que Aristóteles fornece para toda investigação rigorosa: em toda área, as demonstrações surgem uma vez que se tenha coligido os *phainomena* (Primeiros Analíticos, I 30, 46^a17-22). O debate sobre a noção de *phainomenon* a partir da segunda metade do século XX partiu do exame de uma compreensão hoje superada do termo. Tal compreensão resulta da generalização do papel dos *phainomena* em certos textos de ciência natural de Aristóteles. De acordo com essa interpretação, os *phainomena* corresponderiam a observações empíricas. A partir do exame da *Física* de Aristóteles e de um fundamental texto metodológico de *Ética Nicomaqueia* VII 2, G. E. L. Owen mostrou que os *phainomena* não se limitam às observações empíricas, correspondendo em certos contextos a *endoxa* (“opiniões reputáveis”) e a *legomena* (“coisas ditas” de modo geral, abrangendo de padrões identificáveis no uso da língua a ditos tradicionais).

A conexão entre *phainomena* e *endoxa/legomena* é fundamental para a compreensão do papel que a noção de *phainomena* tem nas obras éticas de Aristóteles. No entanto, em certas interpretações identifica-se um excesso quanto à importância que os ditos tradicionais têm no âmbito dos *phainomena* no contexto das obras de filosofia prática. Tendo por base as considerações metodológicas de Aristóteles na *Ética Eudêmia*, bem como sua aplicação na mesma obra, pretendemos explorar o vínculo que, nesse contexto, a noção de *phainomena* tem com as condições efetivas nas quais se dá a ação humana. Desse modo, os *phainomena* corresponderiam à manifestação dos fatos que constituem o contexto da ação humana e que são apreendidos pelo

agente experiente. A manifestação de tais fatos nem sempre se dá a partir dos *legomena*, ocorrendo sobretudo por meio das ações e decisões do agente experiente. Assim, apreender os *phainomena* nem sempre corresponde a coletar *legomena*, mas também – e sobretudo – ao exame das ações e decisões do agente competente.

Uma vez que o ponto de partida da investigação tenha sido esclarecido, pode-se examinar o aspecto causal/explicativo do método proposto em EE I 6. A esse respeito, será fundamental atentar para uma característica central da noção de explicação, tal como aplicada por Aristóteles em seus trabalhos científicos: a explicação a ser encontrada para uma proposição qualquer não pode limitar-se à identificação de premissas a partir das quais é possível inferir a proposição em questão; a explicação buscada deve ser *apropriada* ao contexto da investigação. Pretendemos investigar as características de uma explicação apropriada à investigação que Aristóteles está desenvolvendo na EE. Sustentaremos que as condições que permitem tomar uma explicação como apropriada no contexto da investigação serão identificadas a partir do exame do âmbito do *phainomena* relevantes.

Prometeu e os Homens de Prata em Hesíodo

Prof. Dr. Vladimir Chaves dos Santos

Departamento de Filosofia

Universidade Estadual de Maringá

O objeto desta minha investigação são as temporalidades e a noção de história no pensamento mitológico do aedo Hesíodo. Em primeiro lugar, discuto a interpretação de Jean Pierre Vernant sobre o mito das “raças”, o qual, a meu ver, salienta o aspecto sincrônico em detrimento do diacrônico, porque no final das contas, para Vernant, não haveria uma lição de história, mas sociológica, no sentido de que esse mito hesiódico descreve a estrutura da sociedade arcaica, e não seu passado. Essa interpretação estrutural tem muitas virtudes e méritos, sobretudo filológicos e históricos, mas compromete bastante justamente isso, uma interpretação histórica desse mito; sinal disso, é o fato de se reportar não a “idades” da humanidade, mas a “raças” de homens, destacando sobretudo uma tipologia ao invés de uma sucessão de fatos. Vernant afirma que esse mito explicita a hierarquia das três funções da sociedade arcaica: a da soberania, a da guerra e a da fecundidade. Justifica-se valendo-se de uma idéia que é quase um bordão: que, para o pensamento arcaico, toda genealogia é ao mesmo tempo a explicitação de uma estrutura. A “raça” de ouro e a de prata simbolizariam a soberania; a de bronze e a dos heróis, a guerra; e a de ferro, a fecundidade; de modo que se encontra nesse mito um retrato da sociedade arcaica, e não uma história da humanidade. A genealogia, que é justamente o pensamento sobre as origens, uma procura da fonte do presente, mais que uma simples descrição dele, perde o horizonte do passado. Resulta estranhamente que o mito sobre os homens de ouro, criados quando reinava Kronos, deixa de ter qualquer relação com o mundo primitivo e passa a integrar o registro da soberania, que é o topo da pirâmide social arcaica. A decadência histórica simbolizada pela escala decrescente dos metais desaparece em favor da identificação de uma hierarquia social entre o soberano, o guerreiro e o produtor.

O ponto de partida para uma interpretação mais diacrônica do mito hesiódico pode ser o mesmo que o de Vernant: supondo que Hesíodo não seja raso e ingenuamente dado a incongruências e contradições, é preciso explicar por que ele inseriu a figura dos heróis no meio da narração sobre os homens metálicos. Supondo que o mito primitivamente constasse apenas de metais, destinados a simbolizar uma série decrescente ou um sentido de decadência, por que Hesíodo introduziria aí os heróis? Supondo que ele percebesse a discrepância e além disso a

fratura do sentido de decadência, já que os heróis ainda por cima são melhores que seus antecessores, qual teria sido a razão que o forçou a relevar tudo isso? Para resolver a anomalia que constituem os heróis, Goldshmidt propõe que o mito das “raças” tem por intenção velada sistematizar a estrutura dos seres divinos, objetos de culto da religião grega, que ainda não tinham sido catalogados pela *Teogonia* de Hesíodo, a saber: os demônios, os mortos do Hades e os heróis. Com a *Teogonia* e o mito das “raças” dos *Trabalhos e os Dias*, Hesíodo teria fixado a estrutura dos seres divinos que povoam o mundo invisível do presente. Entretanto, Vernant chama a atenção para o fato de que o mito das “raças” é um dos mitos contados por Hesíodo que veiculam uma mensagem dirigida ao seu irmão Perses, de modo que esses mitos devem ser interpretados à luz dessa interlocução. A mensagem que deve ser veiculada sob prismas diferentes é: afastar-se do excesso (*Ýbris*) e seguir a justiça (*Diké*). Primeiro Hesíodo aborda o mito das duas Lutas (*Éris*), depois ele conta o mito de Prometeu e Pandora, em seguida narra o mito das “raças” e, por fim, conta a parábola do gavião e do rouxinol. Todos esses mitos sustentam a mesma lição de moral dirigida ao irmão de Hesíodo. A solução de Vernant integra à estrutura teológica a estrutura social subjacente ao mito das “raças”, ao mesmo tempo que tem a virtude de explicar esse mito em função de exemplos de justiça e excesso.

A complexidade e a engenhosidade de sua interpretação transformam o mito das “raças” em uma descrição atemporal da sociedade arcaica, delegando ao mito de Prometeu e Pandora a função histórica de explicar as causas passadas que produziram o presente. Proponho uma interpretação histórica do mito hesiódico, que a propósito deveria ser chamado de mito das “idades”. Entretanto, supondo isso, apresenta-se o problema, que Vernant não teve que enfrentar, que é o das discrepâncias entre o mito de Prometeu e Pandora e o mito das “idades”, uma vez que o primeiro consta basicamente de duas etapas históricas e o segundo, de cinco. Por que, então, Hesíodo narraria dois mitos tão diferentes para contar o passado? A meu ver, no primeiro, a questão é identificar a causa fundamental da condição humana; no segundo, as etapas históricas são melhor detalhadas, conforme exemplos de justiça e excesso. Tentarei, na medida do possível, compatibilizar os dois mitos, como mitos da história da humanidade. Concluo minha interpretação sugerindo que o mito das “idades” pode ser melhor abordado a partir de uma tradição antiga, segundo a qual os egípcios reduziam toda a história do mundo a três fases: a idade dos deuses, a dos heróis e a dos homens.